

ALICE MUNRO

Felicidade demais

Contos

Tradução

Alexandre Barbosa
de Souza



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2009 by Alice Munro

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.



Canada Council
for the Arts

Conseil des Arts
du Canada

A Companhia das Letras agradece o
apoio do Canada Council for the Arts

Título original

Too much happiness: stories

Capa

Luciana Facchini

Foto de capa

Maurice Nimmo/ Science Photo Library/

SPL DC/ LatinStock

Foto de quarta capa

Adam Hart-Davis/ Science Photo

Library/ SPL DC/ LatinStock

Preparação

Carlos Alberto Bárbaro

Revisão

Marise Leal

Huendel Viana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Munro, Alice

Felicidade demais : contos / Alice Munro ; tradução
Alexandre Barbosa de Souza. — São Paulo : Companhia das
Letras, 2010.

Título original: Too much happiness: stories.

ISBN 978-85-359-1725-3

1. Contos canadenses I. Souza, Alexandre Barbosa de II.
Título.

10-07732

CDD-819.1

Índice para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura canadense 819.1

[2010]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

Sumário

Dimensões, 9
Ficção, 43
Wenlock Edge, 75
Buracos-profundos, 109
Radicais livres, 134
Rosto, 158
Algumas mulheres, 186
Brincadeira de criança, 212
Madeira, 252
Felicidade demais, 277

Dimensões

Doree teve que pegar três ônibus — um para Kincardine, onde esperou o que ia para Londres, onde esperou um ônibus de linha que a levou ao local. Começara a viagem num domingo, às nove da manhã. Devido aos períodos de espera entre os ônibus, levou quase até as duas da tarde para percorrer aqueles pouco mais de cento e sessenta quilômetros. Todo aquele tempo sentada, tanto nos ônibus quanto nas estações, não era algo que a incomodasse. Sua jornada de trabalho não era nada sedentária.

Ela era camareira da pousada Blue Spruce. Limpava banheiros e fazia e desfazia camas e passava aspirador nos tapetes e pano nos espelhos. Gostava do trabalho, que em certa medida ocupava seus pensamentos e a deixava exausta o bastante para que conseguisse dormir à noite. Quase nunca tinha de arrumar muita bagunça, apesar de algumas das mulheres com quem trabalhava contarem histórias de arrepiar os cabelos. Eram mulheres mais velhas do que ela, e todas achavam que ela devia dar um jeito de arrumar coisa melhor. Diziam que ela podia se preparar para um serviço de escritório enquanto era nova e tinha boa aparên-

cia. Mas ela estava satisfeita com o que fazia. Não queria ter que conversar com ninguém.

Nenhum de seus companheiros de trabalho sabia o que tinha acontecido. Ou, se sabiam, não comentavam. A foto dela aparecera no jornal — usaram a foto que ele fizera dela e das três crianças, o bebê novo, Dimitri, em seus braços, e a Barbara Ann e o Sasha, um de cada lado, olhando para a câmera. Seu cabelo era comprido e ondulado e castanho na época, com cachos e cor naturais, como ele gostava, e seu rosto era tímido e suave — reflexo menos de como ela era do que de como ele queria que ela fosse.

Desde então, cortara o cabelo curto, tingira e espetara, e perdera bastante peso. E passara a usar o segundo nome: Fleur. Além disso, o trabalho que arrumaram para ela era numa cidade que ficava a uma boa distância de onde costumava morar.

Esta era a terceira vez que ela fazia a viagem. Das duas primeiras ele se recusara a vê-la. Se ele fizesse isso de novo, ela simplesmente desistiria de tentar. Mesmo que ele a visse, ela podia não voltar mais por algum tempo. Ela não se afligia. Na verdade, ela não sabia exatamente o que iria fazer.

No primeiro ônibus ela não estava tão confusa. Foi mais um passeio, vendo a paisagem. Ela crescera no litoral, onde havia o que chamavam de primavera, mas aqui o inverno pulava quase que diretamente para o verão. Um mês atrás estava nevando, e agora estava calor o bastante para sair em mangas de camisa. Manchas ofuscantes de água empoçavam os campos, e a luz do sol filtrava-se por entre os galhos nus.

No segundo ônibus ela começou a ficar tensa, e não podia evitar imaginar quem dentre as mulheres ao seu redor devia estar a caminho do mesmo lugar. Eram geralmente mulheres sozinhas, vestidas com certo esmero, talvez para parecer que estavam indo à igreja. As mais velhas pareciam pertencer a igrejas rígidas e

antiquadas onde era preciso usar saia e meias e uma espécie de chapéu, enquanto as mais jovens bem que podiam fazer parte de uma alegre congregação que aceitava blazers e calças, lenços coloridos, brincos e penteados armados.

Doree não se encaixava em nenhuma das duas categorias. Durante um ano e meio de trabalho ela não comprara uma única peça de roupa para si mesma. Usava seu uniforme no serviço e jeans nas demais ocasiões. Ela acabara não usando nunca maquiagem porque antes ele não deixava, e agora, embora pudesse, não usava. Seus cabelos espetados tingidos de cor de milho não combinavam com seu rosto ossudo e vazio, mas não tinha importância.

No terceiro ônibus conseguiu um assento de janela e tentou se manter calma lendo as placas — tanto as de propaganda quanto as de trânsito. Inventara um truque para manter a cabeça ocupada. Pegava as letras de qualquer palavra em que batesse os olhos e tentava ver quantas novas palavras conseguia formar com elas. “Café”, por exemplo, daria “fé”, “eca” e “face”, e “mercado” daria “mar”, “credo”, “doce”, “arco” e — veja só — “cremado”. As palavras eram mais do que suficientes na saída da cidade, conforme iam passando por painéis, megastores, estacionamentos, e até balões presos em telhados anunciando liquidações.

Doree não havia contado à senhora Sands sobre suas duas últimas tentativas, e provavelmente também não contaria sobre esta de agora. A senhora Sands, que ela visitava nas manhãs de segunda-feira, falava em mudanças, embora ela sempre dissesse que isso levaria algum tempo, que as coisas não podiam ser feitas assim às pressas. Dissera a Doree que ela estava indo bem, que ia aos poucos descobrindo sua própria força.

“Eu sei que essas palavras já estão mortas de tão gastas”, ela disse. “Mas continuam verdadeiras.”

Ela ficou envergonhada com o que se ouviu dizer — “mortas” — mas não piorou as coisas com um pedido de desculpas.

Quando Doree tinha dezesseis anos — isto fora sete anos atrás — ia visitar a mãe no hospital todos os dias depois da escola. A mãe se recuperava de uma cirurgia na coluna, que diziam ser séria mas não perigosa. Lloyd era auxiliar de enfermagem. Ele e a mãe de Doree tinham em comum o fato de serem ambos hippies velhos — embora Lloyd fosse na verdade alguns anos mais jovem — e sempre que tinha tempo ele entrava e conversava com ela sobre shows e manifestações de protesto de que os dois tinham participado, pessoas bizarras que os dois haviam conhecido, viagens com drogas que os deixaram chapados, esse tipo de coisa.

Lloyd era popular com os pacientes por causa de suas piadas e seu toque decidido e firme. Era atarracado e espadaúdo e autoritário o bastante para ser às vezes confundido com um médico. (Não que ele ficasse contente com isso, pois era da opinião de que boa parte da medicina era um embuste e diversos médicos eram babacas.) Tinha uma pele sensível e avermelhada e cabelos claros e olhos corajosos.

Ele beijou Doree no elevador e disse que ela era uma flor no deserto. Então riu de si mesmo e falou: “Mas que comentário original, hein?”.

“Você é um poeta e não sabe”, ela disse, para ser simpática.

Uma noite sua mãe morreu de repente, de embolia. A mãe de Doree tinha muitas amigas que teriam acolhido Doree — e ela ficou com uma delas por algum tempo —, mas seu novo amigo, Lloyd, era o preferido de Doree. Em seu aniversário seguinte ela já estava grávida, e em seguida, casada. Lloyd nunca tinha se casado antes, embora tivesse pelo menos dois filhos dos quais não sabia o paradeiro. Deviam ser adultos àquela altura, de todo modo. Sua filosofia de vida mudara conforme foi ficando mais

velho — ele agora acreditava no casamento e na constância, mas não em controle de natalidade. E foi ele que achou que a península Sechelt, onde ele e Doree viviam, estava muito cheia de gente naquela época — velhos amigos, velhos modos de vida, velhas amantes. Logo, ele e Doree se mudaram para o outro lado do país, para uma cidade que escolheram pelo nome no mapa: Mildmay. Não foram morar na cidade; alugaram um lugar no campo. Lloyd arranjou um emprego numa fábrica de sorvetes. Plantaram um jardim. Lloyd sabia muito de jardinagem, assim como de carpintaria doméstica, de como operar um fogão a lenha e sobre como manter um carro velho em funcionamento.

Sasha nasceu.

“Perfeitamente natural”, disse a senhora Sands.

Doree disse: “É mesmo?”.

Doree sempre se sentava numa cadeira reta diante de uma escrivaninha, não no sofá, que tinha um padrão floral e almofadas. A senhora Sands aproximou sua cadeira da lateral da escrivaninha, para que pudessem conversar sem nenhuma barreira entre elas.

“De certa forma eu esperava que você fosse”, ela disse. “Acho que é o que eu teria feito em seu lugar.”

A senhora Sands não teria dito isso no começo. Um ano atrás, até teria sido mais cautelosa, sabendo como Doree ficaria revolvida, então, diante da ideia de que alguém, alguma alma pudesse se colocar em seu lugar. Agora sabia que Doree entenderia aquilo como um modo, até mesmo humilde, de tentar entender.

A senhora Sands não era como o resto. Ela não era ríspida, nem magra, nem bonita. E nem tampouco velha demais. Tinha quase a mesma idade que a mãe de Doree teria, embora não aparentasse ter sido hippie algum dia. Mantinha o cabelo gris-

lho curto e tinha uma verruga em uma bochecha. Usava sapato baixo e calças largas e blusas floridas. Mesmo quando eram cor de framboesa ou turquesa aquelas blusas não davam a impressão que ela realmente ligasse para o que estava vestindo — era mais como se alguém tivesse dito a ela que precisava caprichar e ela houvesse obedecido e ido comprar alguma coisa que servisse para a ocasião. Sua imensa e generosa sobriedade impessoal tirava daquelas roupas toda alegria invasiva, toda ofensa.

“Bem, nas primeiras duas vezes eu não o encontrei”, disse Doree. “Ele não quis sair.”

“Mas dessa vez ele veio? Ele saiu?”

“Veio, sim. Mas por pouco eu não o reconheci.”

“Ele envelheceu?”

“Acho que sim. Acho que emagreceu um pouco. E aquelas roupas. Uniforme. Nunca vi ele usando uma coisa daquela.”

“Ele lhe pareceu uma outra pessoa?”

“Não.” Doree mordeu o lábio, tentando atinar qual seria a diferença. Ele estava tão parado. Ela nunca tinha visto ele tão parado. Parecia nem saber que era para sentar diante dela. A primeira coisa que ela disse foi: “Você não vai sentar?”. E ele dissera: “Posso?”.

“Ele me pareceu meio ausente”, ela disse. “Fiquei pensando se não estariam dando drogas para ele...”

“Talvez alguma coisa para ele se estabilizar. Vai saber, eu não sei. Vocês conversaram?”

Doree pensou se se poderia chamar assim. Ela fez algumas perguntas idiotas, comuns. Como ele estava se sentindo? (Legal.) Se ele estava conseguindo comer o suficiente. (Ele achava que sim.) Se havia algum lugar onde ele pudesse caminhar se quisesse. (Com supervisor, sim. Ele achava que era algo que se podia chamar de um lugar. Ele achava que se podia dizer que eram caminhadas.)